

PATRIMÔNIO E DESENHO COMO PRÁTICA COTIDIANA: FORMAÇÃO, FRUIÇÃO E TERAPIA

HERITAGE AND DESIGN AS A DAILY PRACTICE: TRAINING, FRUITION AND THERAPY



José Clewton do Nascimento

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

jose.clewton.nascimento@ufrn.br



Eunádia Silva Cavalcante

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, Brasil.

eunadiacavalcante@gmail.com

1

Resumo

O artigo parte da premissa de que o ato de desenhar é uma das mais antigas formas de comunicação presentes na humanidade, e como forma de comunicação, acompanha, nas diversas temporalidades, o modo como o homem vê, interpreta e se posiciona perante os processos que constroem a relação entre o homem, a sociedade e o meio. Tem como objetivo, apresentar experiências acerca da apreensão das cidades, tendo como tema o patrimônio cultural, considerando uma visão alargada deste conceito, que engloba as práticas cotidianas como parte integrante deste conjunto, e o desenho de observação como linguagem. Como procedimento metodológico, foram definidas três ENTRADAS para apresentar as experiências constituintes do universo empírico de estudo: FRUIÇÃO (o que a cidade pode me revelar e como eu construo narrativas - a cidade como narrativa); FORMAÇÃO (incorporação da prática do desenhar em atividades de ensino, pesquisa e extensão nas quais estou envolvido na atualidade); TERAPIA NA PANDEMIA (produtos relacionados à prática do desenhar durante o período pandêmico). Como resultado, identifico e ratifico a importância da prática do desenhar no processo de apreensão / análise das cidades, e no caso particular, do patrimônio cultural atrelado às práticas cotidianas.

Palavras-Chave: Desenho de observação. Patrimônio Cultural. Cotidiano.

Abstract

This article starts from the premise that the act of drawing is one of the most ancient forms of communication for mankind. And, as one, throughout time it follows the way people see, interpret and position themselves before the processes that build the relationship between people, society and the environment. It aims to present experiences around the perception

of cities through the theme of cultural heritage - considering a broad perspective of this term which encompasses daily practices as a kind of art integral to this group - and the observation drawing as a language. For its methodological procedure, three DIVISIONS have been defined to present the experiences that constitute the empiric universe of study: ENJOYMENT (what the city can reveal to me and how I can build narratives - the city as a narrative), FORMATION (incorporating the practice of drawing in teaching, research and community outreach activities I am currently involved in); THERAPY IN THE PANDEMIC (products related to the practice of drawing during the pandemic period). As a result, I identify and verify the importance of the practice of drawing in the process of perception / analysis of the cities, and in the particular case, of the cultural heritage connected to daily practices.

Keywords: Observation drawing. Cultural heritage. Daily.

Introdução: desenho e patrimônio – formação, fruição e terapia

A apreensão da cidade pelo desenho é um ato que tenho comigo em minha prática cotidiana e tenho desenvolvido nos últimos tempos “canais de conversas” - de forma escrita e/ou através das mídias sociais - acerca das experiências que tratam do assunto, sob diversos enfoques. Este artigo constitui-se em mais um canal estabelecido com este fim. Parto das premissas de que o ato de desenhar é uma das mais antigas formas de comunicação presentes na humanidade, e como forma de comunicação, acompanha, nas diversas temporalidades, o modo como o homem vê, interpreta e se posiciona perante os processos que constroem a relação entre o homem, a sociedade e o meio.

O objetivo estabelecido neste artigo é apresentar um conjunto de experiências minhas, pessoais, acerca da apreensão das cidades, tendo como tema o patrimônio cultural, considerando uma visão alargada deste conceito, no qual o entendimento da ideia de patrimônio como herança, incorpora-se a de patrimônio como constructo - ou seja, patrimônio como algo a ser construído a partir da resignificação de valores, da apropriação dos bens, e da incorporação do cotidiano como base nesse constructo, a extrapolar o âmbito da excepcionalidade (Castriota, 2009).

Utilizarei o desenho de observação como linguagem / forma de expressão, partindo do princípio que o ato de desenhar traz consigo uma condição que vai para além da mecanicidade da “cópia”, pois pressupõe uma interpretação do que está sendo registrado, em um ato relacional entre o que está sendo desenhado e quem desenha, transformando-se em um ato de criação.

Corroborando com BREHM (in *Urban Sketchers em Lisboa: Desenhando a cidade*, 2012, p.20), parto também do entendimento da importância da prática do desenho como construção de conhecimento: “quando desenhamos, estamos a aprender novas competências, novas maneiras de observar e de registar, e estamos sem dúvida alguma, a aprender sobre o que nos rodeia”. Este pensamento também é identificado nas palavras de KUSCHNIR (2012, p. 295), ao destacar o desenho como “uma das múltiplas linguagens que produzem um conhecimento mais rico sobre tudo que nos cerca”, nos possibilitando “conhecer o mundo”: “apresentar, revelar, manifestar, expor, marcar, dar provas de, realçar, atestar, salientar, deixar ver, fazer compreender, demonstrar, tornar visível”. Neste sentido, a prática do desenho torna-se propiciadora da imersão na prática cotidiana de

nossas cidades, cotidiano este visto a partir de uma relação indissociável entre os espaços físico e social, conforme aponta ROSENGARTEN (in *Urban Sketchers em Lisboa: Desenhando a cidade*, 2012, p. 36):

Trata-se de um modo de desenhar que insere tanto quem faz como quem vê, não só num espaço físico, como também num espaço social. Isto porque defendo o facto de o desenhador não ser simplesmente o portador de um olhar desencarnado é um elemento intrínseco à actividade do desenhador urbano; à actividade do desenho urbano é inextricável de uma experiência vivida, corpórea, específica.

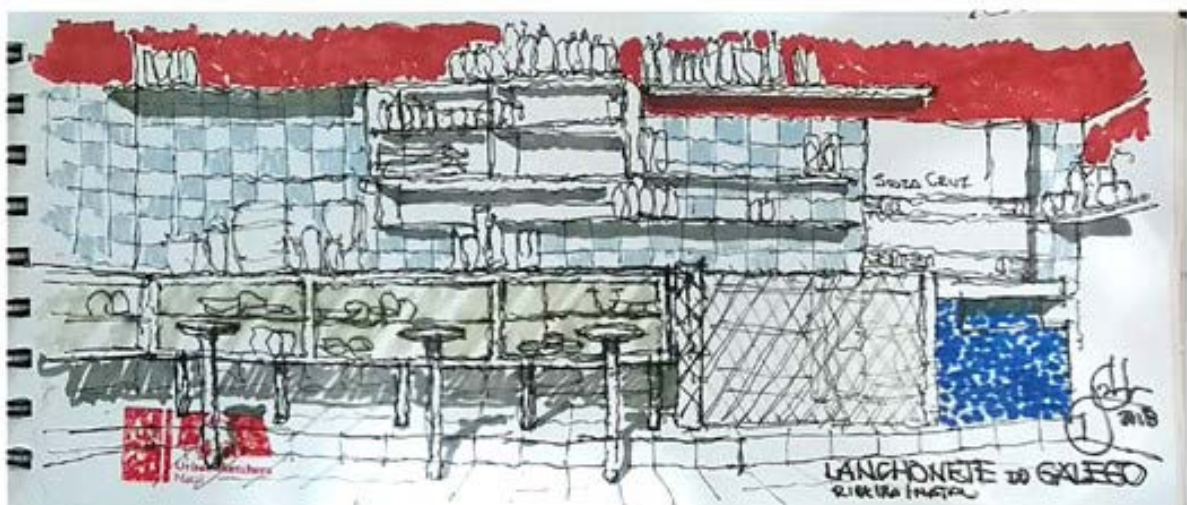
Outro aspecto a ser salientado, é a relação que busco estabelecer em minhas experiências com a prática do desenhar, a partir da tripla condição de ser arquiteto / professor / desenhador: tenho reforçado de forma mais evidente esta condição nos últimos dez anos, cuja referência é o momento que me estabeleço como professor do Departamento de Arquitetura da UFRN, período em que procuro reforçar a importância da tríade ensino-pesquisa-extensão - um dos pilares da universidade - nas minhas atividades desenvolvidas no Curso. Tenho, mais recentemente, dado continuidade às discussões acerca da construção de um quadro ampliado de possibilidades para empreendimento de métodos e de ensino-aprendizagem que promovam as ações de ensino-pesquisa-extensão de forma mais dinâmica e inovadora, contribuindo para uma melhor capacitação dos discentes.

Diante do exposto, pretendo utilizar-me de três entradas para apresentar algumas das experiências realizadas recentemente, ancoradas nos aspectos descritos para apresentar as experiências constituintes do universo empírico de estudo: no primeiro momento, falarei sobre a entrada da FORMAÇÃO, definida como a incorporação da minha prática do desenhar em atividades de ensino, pesquisa e extensão mais recentes; em um segundo momento, apresentarei experiências relacionadas à FRUIÇÃO: o que a cidade pode me revelar e como eu construo narrativas a partir destas apreensões; e por fim, reportarei sobre uma experiência relacionada aos primeiros meses do período pandêmico, em que o desenho foi tratado como ato propiciador de uma TERAPIA NA PANDEMIA, a gerar como produto uma publicação intitulada "A CADA DIA: traços em uma quarentena", elaborado no ano de 2020, e lançado no início do ano de 2021.

Formação: experiências da prática do desenhar em atividades de ensino, pesquisa e extensão

Desde 2011, ano que iniciei minhas atividades junto ao Departamento de Arquitetura da UFRN, que venho desenvolvendo projetos de pesquisa que tem o patrimônio cultural como temática, e como desdobramentos de minhas pesquisas desenvolvidas em minha trajetória acadêmica (graduação, mestrado e doutorado). A partir de 2015, passo a coordenar projetos de extensão que visam articular a prática do desenho com a temática da educação patrimonial¹. Além da coordenação dos projetos de extensão, tenho organizado também atividades de extensão (eventos) acerca da referida temática², tornando a associação entre patrimônio e desenho uma prática mais presente em minhas atividades. (figuras 1 e 2)

Figura 1-Registro do espaço interno da “Lanchonete do Galego”, realizado durante um dos encontros do projeto de extensão Ribeira Desenhada (2018). O espaço é um dos lugares apropriados pela prática cotidiana do bairro.



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

1 Elenco os seguintes projetos de extensão: Desenho, Patrimônio e Paisagem Urbana: registro de áreas de valor patrimonial em cidades potiguaras, em 2015; Desenhadores Urbanos: um percurso pela História do RN através dos traços, em 2016; Natal Desenhada, edições Ribeira, em 2018; Cidade Alta em 2019; Alecrim, em 2020; e Natal Desenhada em Movimento, em 2021.

2 Fazem parte dessa listagem, as seguintes ações: Evento Janelas da/na Cidade, realizado em maio de 2016, na cidade de Torres Vedras, Portugal; Evento Arquitetura, Patrimônio e a Cidade Existente: percepção, riscos e desafios projetuais (palestras e workshop de projeto), realizado em 2017; Palestra Residência Artística, sobre o relato de experiência de Residência Artística na Encosta de São Vicente, Torres Vedras, Portugal, realizada em 2018; e a ação de extensão Estar no Lugar, Edição Portugal, realizada em outubro de 2019, nas cidades de Torres Vedras e Lisboa.

Figura 2- Registro da Rua Câmara Cascudo, realizado a partir da sacada do edifício que abriga o Instituto Câmara Cascudo, instituição que guarda o acervo desta emblemática personalidade da cultura potiguar. Desenho realizado durante um dos encontros do projeto de extensão Cidade Alta Desenhada (2019).



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Com relação a projetos de pesquisa: atualmente sou responsável, como coordenador geral ou como coordenador adjunto, de 03 (três) Projetos de Pesquisa: o primeiro, denominado A Habitação Social em Programas e Ações de Reabilitação de Sítios Históricos: aproximações(?) entre Torres Vedras, Portugal e Natal, Brasil, iniciado em 2018, tendo sido renovado sucessivamente para os anos 2019, 2020 e 2021; o segundo, intitulado Reabilitação em Áreas de Valor Patrimonial: Valorização Do Lugar? Análises de programas e ações à luz de casos brasileiros e portugueses, iniciado no ano de 2017 e renovado até o segundo semestre de 2021; e o terceiro, aprovado no início do ano de 2021, intitulado Traços no Dia-a-Dia: o desenho à mão na formação do arquiteto e urbanista. A participação nestes projetos reforçam minha atuação no âmbito de estudos desenvolvidos acerca das temáticas do patrimônio cultural e sua relação com a prática do desenho como forma de expressão.

Desde o ano de 2015, quando participei das atividades relacionadas ao 1º Encontro Internacional de Desenho de Rua, realizado na Cidade de Torres Vedras (Portugal), passei a ter conhecimento e contato com as ações desenvolvidas pela Câmara Municipal da referida cidade, no âmbito dos processos de requalificação urbana e de práticas relacionadas à educação patrimonial. Desde então, tenho construído uma aproximação com o município, e vislumbrei a possibilidade da construção de um acordo de parceria entre o Departamento de Arquitetura da UFRN e a Câmara Municipal de Torres Vedras, que veio a se consolidar, em documento assinado

em 28 de agosto de 2018 pelos representantes das referidas instituições, e que atualmente está em processo para renovação por mais 3 anos.

O referido acordo de parceria possibilitou a realização de algumas ações no ano de 2018 e 2019³, dentre as quais destaco a minha pesquisa de pós-doutoramento, intitulada “PARTICIPAR, OBSERVAR, DESENHAR O LUGAR: Olhar(es) atento(s) sobre os Programas de Reabilitação Urbana – estudos de caso no Brasil e em Portugal”, que teve como objetivo investigar, discutir, analisar e participar (d)as ações e programas de reabilitação urbana desenvolvidas na Municipalidade de Torres Vedras, tendo como foco a articulação entre gestão, intervenções urbano-arquitetônicas vinculadas aos programas de regeneração urbana, e ações de divulgação, comunicação e arte-educação, buscando identificar no processo e nos resultados, a utilização dos princípios da Conservação Integrada, visando identificar a busca da valorização do lugar a partir dessas ações.

Durante este período de contato com as atividades em Torres Vedras, procurei, particularmente, para além da realização das análises relacionadas às ações de regeneração urbana propriamente ditas, versar sobre as ações que primaram por um processo de apropriação do espaço público, através de atividades paralelas a estes projetos arquitetônico e/ou urbanos, de natureza sociocultural, de arte-educação, e ou de educação patrimonial, que enfatizam a valorização do lugar, que visam reforçar o sentido de pertencimento na relação usuário-cidade. Neste âmbito, cito a participação nos encontros internacionais de desenho de rua (de 2015 a 2019) e as residências artísticas ocorridas na própria Encosta, nas versões 2017 e 2018, em que nesta última, participei como desenhador convidado.

A elaboração do conjunto de registros vinculados às referidas atividades possibilitou a mim uma aproximação e envolvimento com as práticas cotidianas vinculadas

3 Para além de minha pesquisa de pós-doutoramento, reporto-me às demais ações realizadas no âmbito do acordo de parceria: 1. A realização da exposição Ribeira e Encosta: desenho de rua, em cartaz na Biblioteca Municipal de Torres Vedras, do dia 02 ao dia 16 de fevereiro de 2019. Esta exposição constou de desenhos realizados durante as duas residências artísticas ocorridas na Encosta de São Vicente, e de desenhos realizados durante os encontros do Projeto de Extensão Ribeira Desenhada, coordenado pelos professores José Clewton e Eunádia Cavalcante; 2. As atividades realizadas pelos representantes da CMTV (vereador Bruno Ferreira e Arquiteto André Duarte Baptista) na cidade do Natal / RN, durante os dias 26 de maio a 03 de junho de 2019, a saber: participação em sessão livre no XVIII Encontro ENANPUR; participação no 1o Encontro Norte-Nordeste Brasil USK; reuniões no DARQ/UFRN e na sede da Superintendência Estadual do IPHAN/RN; visitas técnicas aos Bairros da Ribeira e da Cidade Alta, e à comunidade de Mãe Luiza; palestras proferidas no DARQ/UFRN, acerca de programas e ações de reabilitação urbana no município de Torres Vedras, Portugal; 3. A já citada realização das atividades vinculadas ao projeto de extensão denominado Estar no Lugar: Edição Portugal Outubro 2019, que consistiu basicamente na realização de três atividades nas cidades de Torres Vedras e Lisboa, a saber: a. Participação no 5º Encontro Internacional de Desenho de Rua (Torres Vedras); b. Ateliê Caótico – Apreensão da cidade e concepção projetual (Torres Vedras); e c. Lisboa, entre colinas e o Rio: construção de narrativas sobre a cidade a partir da prática do caminhar.

aos lugares aos quais tive contato, de modo que pude construir um quadro mental de memórias destes locais, me apropriar e por conseguinte, significá-los e ressignificá-los em suas dimensões física e social, construindo conhecimentos sobre estes espaços, expressos por intermédio dos desenhos. As figuras 3, 4 e 5 remetem a essa aproximação com a cidade de Torres Vedras, a partir do uso do desenho como forma de expressão e diálogo com os lugares da cidade, notadamente o Centro Histórico e a área da Encosta de São Vicente.

Figura 3 - Igreja de Santiago, uma das edificações de destaque no Centro Histórico de Torres Vedras.



Fonte: Elaborado pelo autor(2019).

Figura 4 - Centro de Interpretação da Comunidade Judaica. Uma das intervenções realizadas no Centro Histórico de Torres Vedras.



Fonte: Elaborado pelo autor(2019).

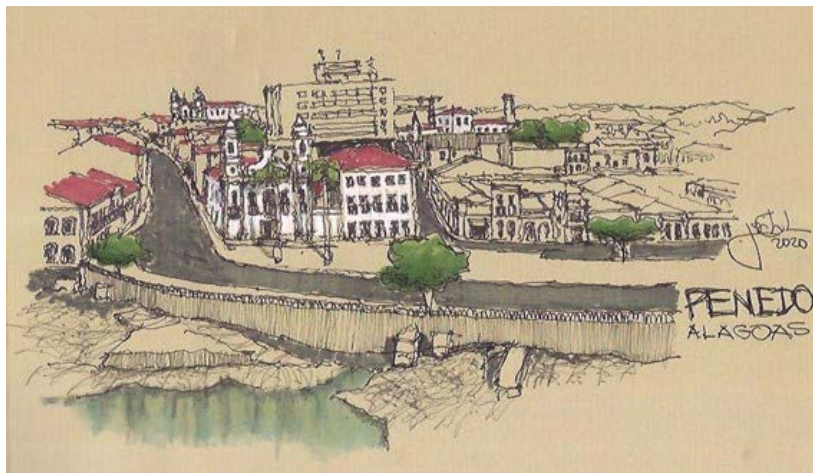
Figura 5 - Um dos diversos desenhos por mim realizados da área da Encosta de São Vicente, em Torres Vedras.

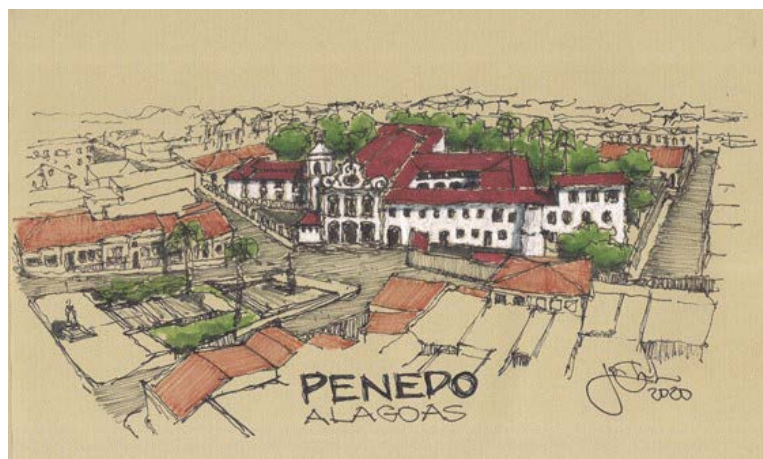
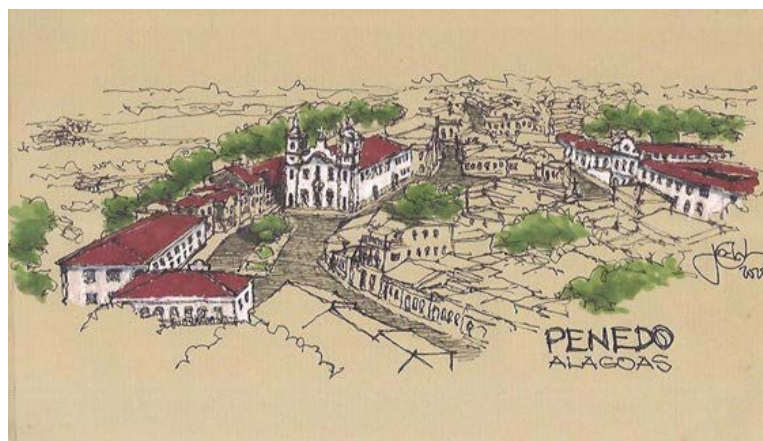


Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Com relação às atividades de ensino, reforço o exposto na introdução deste documento: a incorporação cada vez mais frequente dos recursos de desenhos no material organizado para compor o conteúdo e minhas aulas. Saliento também que tenho desenvolvido reflexões acerca do assunto, Considerando que há intencionalidade no olhar de quem registra, e que vinculada à expressividade do traço de quem desenha, esta ação constrói narrativas desses bens, a incorporação deste conjunto de registros aos documentos, iconografia e referências bibliográficas, auxilia na ampliação das chaves de leitura acerca da história cultural de nossas cidades, e em específico, para o caso da disciplina citada anteriormente, nossas cidades coloniais. (Figuras 6, 7, 8, 9, 10 e 11)

Figura 6, 7 e 8 - Desenhos do Sítio Histórico da cidade de Penedo, Alagoas, feito a partir de imagens captadas pelo google earth. A sequência dos desenhos é utilizada nas aulas para identificar a característica da natureza barroca do desenho da cidade, vinculada a um sistema de articulação entre os edifícios religiosos.





Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Figura 9, 10 e 11 - Registros feitos em percurso a pé, pelo sítio histórico da cidade de Penedo, Alagoas. Os desenhos complementam as imagens panorâmicas, enfatizando a presença dos edifícios religiosos no cenário barroco da cidade





Fonte: Elaborado pelo autor(2017).

Fruição: o que a cidade pode me revelar e como eu construo narrativas (a cidade como narrativa)

Neste item, tenho como base o entendimento das construções das narrativas a partir de uma condição de fruição de lugares recorrentes nas minhas experiências de “estar no lugar”, seja nos percursos em minha cidade de morada, seja em minhas viagens, nacionais ou internacionais. Nestas experiências, os meus cadernos de desenhos são companheiros e suportes para os registros, que tornam-se diálogos

com esses lugares, mediados tanto por meus conhecimentos prévios acerca dos lugares, construídos na minha trajetória acadêmica, bem como em experiências já vivenciadas nesses locais, nos diversos momentos em que por lá estive.

Sigo algumas premissas para a definição do que será desenhado e o que será priorizado nestes registros. Primeiramente, tenho reforçado a importância e relevância do aporte da fenomenologia para a construção dessas narrativas. Christian Norberg-Schulz, um dos principais expoentes desse pensamento, afirma que a arquitetura, não pode ser descrita somente em termos de conceitos geométricos, devendo ser entendida em termos da criação de formas significativas. Neste sentido, construo o meu diálogo com os lugares experienciados: para além de uma dimensão objetiva, cartesiana, reforça-se uma dimensão poética, sensível.

Neste sentido, parto do princípio que a cidade é entendida como um texto, que sempre tem algo a nos dizer, conforme nos diz ARGAN: “Não tenho dificuldade em admitir que os fatos arquitetônicos (ruas, edifícios, praças etc.) estão para o sistema urbano como a palavra está para a língua” (Argan, 1998, p. 237). Neste mesmo caminho, RICCA JÚNIOR afirma que, “como se vê, a cidade pode ser pensada como um texto, para ser lido e interpretado. Seu corpo é a mensagem”. (Ricca Júnior, 2009, p. 119).

Este “ter algo a nos dizer” me remete a determinadas instâncias, tal como o entendimento que Calvino nos traz acerca das informações contidas em cidades como Paris: “Poderia dizer então que Paris, eis o que é Paris, é uma gigantesca obra de consulta, uma cidade que se consulta como uma enciclopédia: na abertura da página, ela lhe dá toda uma série de informações, de uma riqueza como nenhuma outra cidade”. (Calvino, 2006 [1ª Edição: 1974], p. 78). Em outro momento do mesmo texto, Calvino reforça esta ideia da cidade como enciclopédia:

Essa idéia da cidade como discurso enciclopédico, como memória coletiva, tem uma tradição inteira: basta pensar nas catedrais góticas, nas quais todo detalhe arquitetônico e ornamental, todo lugar e elemento remetia a noções de um conhecimento global, era um sinal que encontrava correspondência em outros contextos. Da mesma maneira, podemos “ler” a cidade como uma obra de referência, como “lemos” Notre-Dame (ainda que mediante as restaurações de Viollet-Le-Duc), capitel por capitel, condutor por condutor. E ao mesmo tempo podemos ler a cidade como inconsciente coletivo: o inconsciente coletivo é um grande catálogo, um grande bestiário. (Calvino, 2006 [1ª Edição: 1974], p. 79)

Ana Carmem Casco também compactua com este entendimento, ao afirmar que “cidades podem ser comparadas a uma espécie de arquivo de pedra formado

por documentos que traduzem em sua materialidade existências, guardando-as e transmitindo-as como fato e informação da história e da cultura”. (Casco, In Revista IPHAN número 29, ano 2001, p. 96).

No sentido de ir para além desta importante condição possibilitada pela leitura de nossas cidades, a autora, neste mesmo artigo, estabelece um diálogo com outra obra de Calvino – a clássica “Cidades Invisíveis”, aponta para a possibilidade do estabelecimento de outras leituras: “a proposta é a de nos deixarmos levar pela torrente de sensações, tempos e imagens que a cidade contemporânea proporciona e através dos quais é capaz, ao mesmo tempo, de assustar, nos deixar impotentes e atrair irresistivelmente”. (Casco, In Revista IPHAN número 29, ano 2001, p. 83). Ainda sobre este aspecto, Ana Carmem afirma:

Nesta perspectiva, Mais do que isso, esse alento há de trazer a descoberta de que o nosso olhar precisa assenhorear-se de outros conteúdos, na intenção de recriar nossas cidades, reinventá-las como gostaria o imperador Kublai Khan, ao contratar marco Pólo para descrever suas cidades invisíveis, produzir outros pensamentos capazes de sobrevoarem ou aproximarem-se perigosamente das complexas cidades contemporâneas. (Casco, In Revista IPHAN número 29, ano 2001, p. 85)

(...)

O intento desta reflexão é contribuir para a produção de um pensamento. Se a vida é a própria obra de arte, é imprescindível que os especialistas se detenham diante desta como amantes da arte e não apenas como pesquisadores de dados, e se deixem transformar pela experiência da descoberta, valorização e preservação da vida. (Casco, In Revista IPHAN número 29, ano 2001, p. 101)

13

Movido por estes encaminhamentos – cidade como texto; cidade como enciclopédia; cidade como recriação – passo a apresentar algumas experiências de “estar nos lugares”, reportando-me ao período em que residi na cidade de Lisboa, durante o meu período de pós-doutoramento, realizado entre setembro de 2018 e fevereiro de 2019.

A Avenida da Liberdade é um importante eixo de conexão da cidade de Lisboa. Interliga a área do Rossio a um trecho de expansão da cidade, marcado pela presença das grandes avenidas, a evidenciar um desenho de cidade vinculado a um processo de modernização, que vem para estabelecer novos padrões tipológicos / morfológicos no espaço urbano. Alguns aspectos morfológicos dessa importante via sempre me chamaram a atenção: a própria escala, ampla, generosa, com grandes passeios e um marcante canteiro central, que geram uma sensação de espaço aberto, que facilita a circulação, marcam essa escala “de cidade”. Foi essa atmosfera que busquei registrar. O caminhar pelos seus passeios generosos

me conduziram a incorporar no registro de um dos elementos que compõem os elementos gráficos dos passeios, construídos a partir da técnica tradicional dos calceteiros de pedra portuguesa. Dessa forma, temos duas escalas registradas na mesma composição (figura 12).

Figura 12 - Avenida da Liberdade, escala da cidade (edifícios destacados, obeliscos) e escala do detalhe (desenho gráfico de um dos elementos que compõem os passeios em pedra portuguesa).



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

14

Figura 13 - Registro de um coreto no parque da Estrela, em quadra invernos.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Os parques, praças e miradouros sempre foram espaços de destaque nas minhas referências de espaços de qualidade na cidade de Lisboa. Dentre eles, o Parque da Estrela foi um dos que mais me chamou atenção, principalmente por seu agenciamento paisagístico, que alia a composição vegetal, a definição dos caminhos e espaços de contemplação, e os equipamentos e mobiliários existentes

em seu espaço. Em uma das visitas que fiz ao local, registrei este delicado coreto, construído em estrutura de ferro, apresentando um conjunto rebuscado de detalhes. Como estávamos no período do inverno, é marcante na paisagem da cidade, a famosa “troca de roupa” das árvores. O chão dos lugares da cidade é marcado pelo “tapete” formado pela queda das folhas. Foi o que motivou a incorporação, neste registro, de uma das folhas apanhadas do chão. (Figura 13).

Dentre os espaços públicos existentes na cidade, os miradouros são os meus favoritos, pela possibilidade de vislumbrar a partir destes locais, uma infinidade de lugares da cidade. Por ter morado nas proximidades do Miradouro de Santa Catarina, fiz deste lugar uma verdadeira “sala de estar”, um dos meus locais preferidos para degustar uma boa taça de vinho. Dentre os diversos registros que fiz neste local, o que está apresentado pela figura 14 é marcado pelo ensejo de compor uma série de planos na composição. Desta forma, o primeiro plano é marcado pela presença do elemento escultórico; o segundo, pelo conjunto de edificações situados no entorno imediato do miradouro (ênfatisados através dos telhados que receberam cor); e o terceiro plano definido pela silhueta da paisagem da cidade ao fundo, marcado em tom de cinza.

15

**Figura 14 - Miradouro de Santa Catarina, popularmente conhecido como “Adamastor”.
Nesta minha interpretação do lugar, optei por estabelecer uma sequência de planos.**



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

O desenho apresentado pela figura 15 não foi feito necessariamente em um miradouro, mas foi captado a partir de uma dessas aberturas recorrentes em alguns

trechos da cidade, quando o adensamento das quadras dá lugar a verdadeiras “janelas visuais” para a cidade. Em um final de tarde, ao retornar da casa de uma amiga, seguindo pela Rua Damasceno Monteiro em direção ao Largo da Graça, avistei por uma dessas “janelas”, o conjunto do Convento de mesmo nome. O belo visual me fez procurar um local de paragem para realizar um registro. Eis que vislumbrei uma pequena cervejaria artesanal, na qual me abanquei na esplanada para realizar o registro. Decidi privilegiar o traço, que se “espalha” de maneira fluida no caderno, enfatizando o caráter panorâmico do registro. Em complemento, resolvi incorporar o “descanso” do copo de cerveja ao desenho. Chamo a atenção para o nome da cervejaria, que condiz plenamente com a situação geográfica do lugar.

Figura 15 - Conjunto religioso da Graça, visto a partir da área de esplanada da cervejaria 8ª Colina, localizada na Rua Damasceno Monteiro.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Outro aspecto que me chama bastante a atenção na minha prática do “experienciar a cidade”, são apropriações feitas por determinados grupos artísticos, notadamente os de artes de rua. É o caso registrado no desenho apresentado na figura 16, em um momento que, de passagem para pegar o metrô, me deparei com uma apresentação de *street dance*, ao som de “*Sex Machine*” ocorrendo ao pé da famosa estátua do Senhor Chiado, no largo do mesmo nome. Não pensei duas vezes. Sentei em um dos quiosques da esplanada, pedi um copo de vinho e registrei essa manifestação de uso democrático do espaço público.

As minhas experiências de apreensão de lugares não poderiam deixar de contemplar também os espaços internos. A figura 17 retrata a cafeteria da Livraria Bertrand, uma das mais antigas em funcionamento na atualidade, no qual despendi horas e horas de minha estadia em Lisboa, a folhear, ler, observar, absorver os livros de seu acervo. Na cafeteria, por algumas vezes, me peguei rabiscando textos e

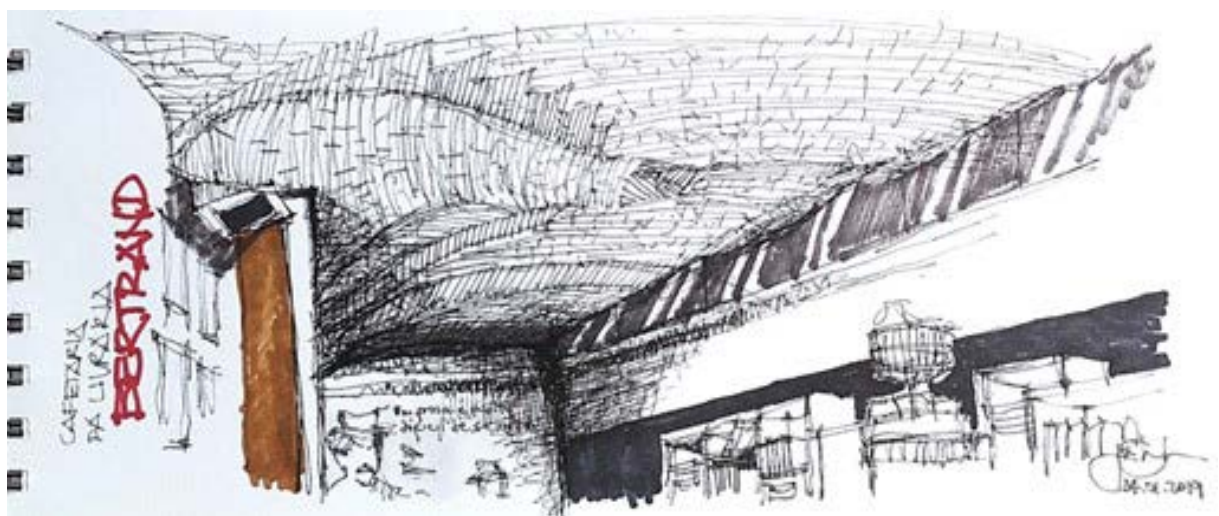
traços, procurando registrar os momentos de vivência naquele lugar. Dois aspectos sempre me chamaram a atenção: as técnicas construtivas empreendidas no edifício, gerando uma condição tectônica bastante expressiva; e o painel na parede ao fundo, que remete à obra e à figura de Fernando Pessoa. Na cafeteria, os atendentes já pareciam estar sempre à minha espera.

Figura 16 - Registro de uma apropriação do Largo do Chiado, pelo street dance, ou “quando o Senhor Chiado tem um encontro com James Brown”.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Figura 17 - Cafeteria da Livraria Bertrand. Expressividade construtiva e diálogo com Fernando Pessoa.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Figura 18 - Adega Dantas, uma das tascas que se tornaram espaços frequentes em minha prática cotidiana.



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Terapia na pandemia: o livro **A CADA DIA: traços em uma quarentena**

A partir de março de 2020, durante os primeiros meses em que foi necessária a adequação das atividades, desenvolvi atividades em formato remoto (lives) que tiveram como tema questões relacionadas à prática do desenho, bem como ao vínculo destas práticas à temática do patrimônio cultural. Para além destes eventos, produzi, ainda em 2020, com lançamento em janeiro de 2021, um livro intitulado “A Cada Dia: traços em uma quarentena”, publicado pela Caravela Selo Cultural. No livro constam um conjunto de textos e desenhos que fiz durante os quatro primeiros meses do período de isolamento social, e que serviram como forma de terapia e de aproximação com a família e os amigos nesses tempos difíceis que vivemos.

Esta conjunção de textos e desenhos que constituem narrativas acerca dos objetos registrados transcurre a partir do aspecto de que estes objetos possuem grande valor sentimental e memorial, e neste sentido, podem ser entendidos como elementos evocadores das histórias e memórias dos indivíduos, suas características, grupos social e econômico, tornando-se elementos representativos da identidade dos sujeitos e de suas vidas, nos âmbitos individual e coletivo, e, por conseguinte, comunicadores de memórias e ‘pontes’ de uma memória coletiva ou individual conforme indica NERY (et al, 2015, págs. 43-44). Foi seguindo esta base que construí,

no referido livro, o conjunto de 70 desenhos - boa parte acompanhado de textos que definem as narrativas - que compõem a obra, figuras 19, 20, 21 e 22.

Figura 19 - No canto da sala. “Hoje eu desenhei um lugar de que gosto muito em meu apartamento. Em um pequeno espaço, guardo vários tempos. Tem uma TV de tubo (tem gente que não vai nem saber o que é isso) que ganhei para que se ouça alguma zoadá nesse apartamento. Tem também uma vitrola portátil, de design maravilhoso, que comprei de uma amiga. Essas raridades estão em cima de uma mesa de design alemão anos 1950, que motivou uma viagem que eu e Eunádia fizemos por algumas cidades históricas do Nordeste, no intuito de ir buscá-la em Aracaju, pois a comprei de uma amiga que foi morar na Alemanha. Embaixo da mesa ainda deu para encaixar uma mala que comprei em uma loja de usados na Ribeira velha de guerra. Dentro da mala, uma dúzia de discos (bolachões) que, de vez em quando, colocamos para tocar na vitrola. Para arrematar a composição, tem uma luminária que carinhosamente dei o nome de Almodóvar e que está prestes a completar 15 anos. Não tem como não lembrar de Nalva quando olho para essa luminária, pois ela se apaixonou pela peça desde a primeira vez que a viu.”. (Nascimento, 2020, p. 31)



Fonte: Nascimento, 2020, p. 31.

Os desenhos apresentados neste artigo referem-se a um fragmento dos conjuntos que perfazem o livro, em sua primeira parte, que denominei de “dias de traços e afetos”, a qual dividi em dois subconjuntos: o primeiro, intitulado “traços de memória de lugar”, refere-se a desenhos realizados nos meus lugares de estar mais frequentes: meu apartamento (a “cooperativa”) e a casa da minha companheira, Eunádia, que também é professora do Departamento de Arquitetura da UFRN e uma das coordenadoras do grupo Urban Sketchers Natal. Como consta na introdução do livro, “os registros abrangem escalas distintas, desde a representação de ambientes em geral (quartos, salas, jardim, vistas das janelas) a desenhos de pequenos objetos, e transformam-se em narrativas de memórias, vinculadas

aos objetos, aos espaços e às pessoas (com quem se estava, as cenas, os fatos ocorridos). À medida que desenhava, lembrava-me das histórias e fui sentindo a necessidade de fazer também registros textuais”. (Nascimento, 2020, p. 16.) Optei em trazer para o artigo, além das imagens, os textos vinculados a estas, sob forma de legenda, os quais transcrevo literalmente, como constam no referido livro.

Figura 20 - jardim interno (casa da Eunádia). “Hoje, demorei um pouco mais a fazer a postagem. Comecei a registrar alguns cenários de vegetação e decidi iniciar por um lugar que muito me apraz: o jardim interno da casa da Eunádia. O desafio foi grande, pois, no horário que desenhei, havia um forte impacto de luz e sombra na cena, mas creio que ficou razoável!”



Fonte: Nascimento, 2020, p. 44.

Figura 21 - “Pé de orquídea”. No jardim da casa da Eunádia, tem uma série de composições que pretendo desenhá-las. Algumas estão vinculadas ao jambeiro, que, além de propiciar uma sombra indispensável, é “suporte” para essas composições. Hoje eu trago uma, predominantemente formada por orquídeas em jarros suspensos, que fez Eunádia intitular de “pé de orquídea”. Aproveitamos para desejar um bom domingo de Páscoa a todos e todas!”



Fonte: Nascimento, 2020, p. 49.

Figura 22 - "Pai e mãe, ouro de mina". "Hoje choveu. Aliás, continua chovendo. E, por isso, não saí para desenhar o jardim da casa da Eunádia (com essa chuva, esse jardim deverá estar mais bonito ainda amanhã!). Resolvi, então, desenhar um cantinho de sua sala, que é carregado de memórias afetivas (de longas datas e também de tempos recentes). Nesse cantinho, temos: uma peça da máquina de costura que foi da mãe dela; uma das plainas que pertenceu a seu pai, que foi da Marinha e lá trabalhava como carpinteiro; um simpático jarrinho de flores confeccionado por uma de suas irmãs que mora no Canadá já há 27 anos; uma toalha que recobre a base da mesa na qual repousam esses objetos (a mesa foi comprada em um "tudo usado", em Recife, é linda, mas acabei não a desenhando, pois perdi a noção da escala enquanto desenhava). Voltando à toalha: ela foi presente da Suzy Simon, esposa do querido Fernando Simon. O presente foi dado durante uma visita que fizemos à Vila Boa de Goiás, ciceroneados pela amiga Ariane Borges, em 2017. A frase de Cora Coralina gravada na toalha é um registro também da presença dessa inestimável figura nesse cantinho de memórias. Fiz o desenho sentado a uma distância de, aproximadamente, 80 cm dos objetos, o que faz com que se tenha uma impressão de distorção das proporções. Com certeza, o Antônio Procópio faria bem melhor!"



Fonte: Nascimento, 2020, p. 53.

Considerações Finais

As experiências apresentadas neste artigo, corroboram com a consolidação do uso do desenho como prática cotidiana que desenvolvo no âmbito do estabelecimento dos diálogos com as cidades. De modo específico, procurei vincular estas experiências relatadas à temática do patrimônio cultural, a partir de uma perspectiva ampliada deste conceito, ancorada nos dois aspectos enunciados ao

longo do artigo: o patrimônio como constructo, e incorporação do cotidiano como base nesta construção. Reforço também a condição de utilização do desenho de observação como forma de expressão, cujo ato pressupõe uma interpretação do que está sendo registrado, transformando-se em um ato de criação.

Ao aliar as duas dimensões do cotidiano - a da prática do desenhar, a da incorporação da prática cotidiana como aspecto indissociável da própria definição do que seja patrimônio - procurei trazer relatos de experiências a partir de três “entradas” intrínsecas ao meu universo de professor / desenhador: pela entrada da “formação”, considero fundamental a construção de uma base de conhecimento acerca de nosso patrimônio cultural a partir da história dos lugares, e minha prática da utilização dos desenhos nas aulas / palestras e atividades afins constituem uma contribuição para a construção deste lastro; pela entrada da “fruição”: reforço a prática do desenhar como o estabelecimento de relação de aproximação entre objeto e o desenhador, de modo que este experienciar, possibilite, a partir da interpretação, um processo de apropriação e de envolvimento com estes espaços, revelando a importância da prática cotidiana como protagonista neste processo; por fim, pela entrada da “terapia na pandemia”: relatei através de um conjunto de desenhos elaborados durante os primeiros quatro meses de isolamento social, a minha aproximação com outra dimensão da prática cotidiana: os nossos microcosmos, que nos conectam ao mundo.

Ao concluir este artigo, identifico e ratifico, a partir das experiências relatadas nas três entradas utilizadas, a importância da prática do desenhar no processo de apreensão / análise das cidades, e no caso particular, do patrimônio cultural atrelado às práticas cotidianas.

Referências

ARGAN, Giulio. Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CALVINO, Italo. **Um Eremita em Paris**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006 [1ª Edição: 1974].

CASCO, Ana Carmen Amorim Jara. Reinventando a Cidade: um diálogo entre Marco Polo e o Imperador. In **Revista IPHAN** número 29, ano 2001.

CASTRIOTA, Leonardo. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

KUSCHNIR, Karina. Desenhando Cidades. In: **Revista sociologia & antropologia**, v.02.04, 2012.

NASCIMENTO, José Clewton do. **A Cada Dia**: traços em uma quarentena. Natal/RN, Caravela Selo Cultural, 2020.

NERY, Olivia; SCHNEID, Frantieska; FERREIRA, Maria Letícia; MICHELON, Francisca Ferreira. Caixas de Memórias: a relação entre objetos, fotografias, memória e identidade ilustradas em cenas da ficção. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, Vol. 51, N. 1, p. 42-51, jan/abr 2015.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Arquitetura Ocidental**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2010.

RICCA JÚNIOR, José. O Corpo e o Texto da Cidade. In **Revista Pepsic**: periódicos eletrônicos em psicologia, v.32 n.48 São Paulo jun. 2009

URBAN SKETCHERS EM LISBOA. **Desenhando a Cidade**. Lisboa: Quimera Editores, 2012.

NOTA

Este artigo é produto da palestra no 2º Seminário de Planejamento Urbano, Metropolitano e Regional, Paisagem Urbana e Sustentabilidade - SEPPAS 2021, ocorrido nos dias 1, 2, 3 e 4 de dezembro de 2021.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade/Instituto/Escola. Programa de Pós-graduação Projeto e Cidade. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

RECEBIDO EM: 19/01/2022

APROVADO EM: 30/03/2022

PUBLICADO EM: 24/10/2022